

A Sociologia na Universidade de Brasília

Ana Maria Fernandes, Sales A.
dos Santos e Joaze B. Costa*

Resumo

Este artigo analisa o desenvolvimento da Sociologia na UnB desde a criação desta universidade e dos estudos em Ciências Sociais, detendo-se mais no exame do recrutamento do corpo docente, da consolidação de um grupo, da importância da pós-graduação, e complementando com um breve retrato do curso de graduação. É ressaltado o fato de que a UnB com sua estrutura departamental e com o requisito mínimo de doutorado para o recrutamento do corpo docente, que ainda é observado no Departamento de Sociologia, escapou do modelo, que impera em outras instituições, de "dualismo estrutural", isolando a pesquisa e a pós-graduação do resto da universidade. O artigo se propõe a continuar e estimular o debate sobre a história das Ciências Sociais no Brasil e a levantar questões para novas pesquisas que produzam dados que possibilitem a comparação de vários casos e revelem os modelos de funcionamento e desenvolvimento do ensino e da pesquisa nestas disciplinas.

Este estudo foi iniciado com uma análise das origens e do desenvolvimento da Sociologia no Brasil¹ e prosseguiu com o estudo das Ciências Sociais, com ênfase especial para a Sociologia, na Universidade de Brasília (UnB).

A História das Ciências Sociais no Brasil

No levantamento realizado sobre a "História das Ciências Sociais no Brasil" verificamos que além do "caso clássico" de surgimento das

* Professora Adjunto do Departamento de Sociologia - IH - UnB; Sales foi bolsista de Aperfeiçoamento e é atualmente aluno do mestrado em Sociologia; Joaze é bolsista do Programa Especial de Treinamento (SOL). Colaboraram, ainda, nesta pesquisa, as bolsistas de Iniciação Científica: Ana Valéria B. A. da Fonseca, Andréia Luíza L. Barbosa, Danielli J. França, Iane Andrade Neves e Lucilene P. da Costa.

Ciências Sociais no Brasil, que seria o da Universidade de São Paulo (USP), pouco se sabe sobre a história das mesmas em outros estados, exceto um pouco mais sobre Rio de Janeiro, Pernambuco e Minas Gerais.² O estudo das origens e desenvolvimento da Sociologia no Brasil levantou algumas questões para a análise das Ciências Sociais na UnB. No desenvolvimento das Ciências Sociais na USP tem sido destacada, entre outros aspectos, a importância da elite empresarial paulista, da vinda dos professores estrangeiros, principalmente franceses para a USP, e para a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP), dos norte-americanos e dos educadores e dos ideais da escola-nova.³

Nos estudos realizados em São Paulo sobre as Ciências Sociais no Rio de Janeiro é salientado que, pelo fato do Rio ser a capital da República, naquela época, a influência de fatores políticos foi mais forte e negativa; negativos foram também a relação com o ISEB, com seu cunho científico-intervencionista na realidade social e o não-rompimento com as formas tradicionais do pensamento brasileiro orientado pelo paradigma jurídicista e militante.⁴

Em Pernambuco é ressaltada a importância de Gilberto Freyre e a criação do Instituto Joaquim Nabuco, o caráter regional dos estudos e a não-vinculação com a universidade. Em Minas Gerais é sublinhado, entre outros aspectos, a iniciativa tardia em relação ao Rio e São Paulo, “mas anterior à de outras regiões”, e a “formação de cientistas sociais adequados para serem assimilados fora das fronteiras do estado.”⁵

Desta história escrita recentemente fica um vazio muito grande sobre como as Ciências Sociais surgiram e se desenvolveram, por exemplo, na Bahia ou no Rio Grande do Sul, na universidade de Pernambuco, e porque Brasília se tornou um centro tão importante no cenário das Ciências Sociais, nacionalmente.⁶

Após termos pincelado “A História da História das Ciências Sociais no Brasil”, poderíamos dizer que, em geral, estas análises utilizam o critério de institucionalização das Ciências Sociais na USP como divisor de águas entre o período pré-científico e científico na história do pensamento social brasileiro.⁷ Fica também a impressão de que a história escrita em São Paulo coloca as Ciências Sociais paulistas como o “modelo científico” e analisa os outros casos como variantes, ou desvios, opondo o caráter universal-internacional *versus* local-provinciano; a análise positiva-objetiva *versus* contaminação pelo político-regional; a autonomia da análise do social *versus* contaminação (ou resquícios) da análise pelo paradigma jurídicista e militante; carreira científica

autônoma *versus* influências clientelísticas e, um modelo institucional ideal *versus* entraves burocráticos e políticos.

A Criação da UnB e das Ciências Sociais no Planalto Central

Na análise das Ciências Sociais na UnB, nos perguntamos, por que e como elas deram certo, a partir de que modelo e de que orientações. Para respondermos a esta questão, genealogicamente, retornaremos à criação da UnB, seu projeto inicial, o malogro deste projeto e a reconstrução da universidade.

Sobre o projeto original da UnB podemos destacar o envolvimento de parte da comunidade científica nacional, através da SBPC, e até mesmo de parte da comunidade científica internacional, e ainda de membros do movimento da Escola Nova, como Anísio Teixeira, o apoio político e financeiro do governo federal, na figura do Presidente Juscelino Kubitschek e de alguns intelectuais do executivo.

Não foi, portanto, uma universidade apoiada por um poder político regional (se é paulista transforma-se em universal). O projeto da UnB foi apresentado como o de uma universidade que seria fiel “aos padrões internacionais do saber e à busca de soluções para os problemas nacionais”, e como um fator para a superação do subdesenvolvimento.

No início do funcionamento, o recrutamento parece ter sido predominantemente de cientistas brasileiros de renome trabalhando no Brasil, ou no exterior, e também de pessoal jovem, recém-formado, contratados como instrutores. A ênfase, entretanto, era a de transformar a UnB numa universidade onde se geraria o conhecimento de fronteira e formadora de novos quadros científicos para o Brasil como um todo.

A UnB idealizada teria também o mérito de ser o modelo de uma nova universidade brasileira, purificada de todos os males das universidades existentes no Brasil naquele momento. Ela aboliu a cátedra, estruturou-se em departamentos, instituiu o sistema de créditos em disciplinas, o ensino básico, com grande ênfase na pós-graduação e na pesquisa. A organização departamental terá importância fundamental no momento da implantação dos programas de pós-graduação, de uma forma integrada e unificada com a graduação, com o mesmo corpo docente, e não no modelo do “dualismo estrutural”, com a pesquisa e a pós-graduação isolada do resto da universidade, e com dois corpos distintos de professores, como na maioria das universidades brasileiras.

A UnB começou a funcionar em 1962, provavelmente com todas as dificuldades esperadas de implantação de um grande projeto, num momento de grande efervescência cultural e política. Este projeto inicial permaneceu inacabado, por dificuldades internas e pressões externas, que culminam com a grande crise de 1965, quando a maioria dos professores já recrutados saiu da UnB.

Após o golpe militar de 1964 foi deposto o reitor Anísio Teixeira e nomeado o reitor *pro-tempore* Zeferino Vaz, um criador de instituições universitárias, como a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e, posteriormente, a Universidade de Campinas. Mas ele veio para a UnB não como criador, mas como criatura, “para concluir a obra da revolução de 1964, que ele tinha apoiado”, nas palavras do Presidente Castelo Branco, num telefonema pela madrugada, para convocá-lo para esta missão.

A primeira invasão da UnB se deu logo após o golpe, em 9 de abril de 1964, pela Polícia Militar de Minas Gerais. Em 1964, 11 professores das Ciências Sociais foram demitidos. A grande crise ocorreu em 1965 após a demissão de 15 professores, seguida do pedido de demissão de 210 professores. Alguns permaneceram, mas aí se configurou, praticamente, o fim do projeto inicial. Neste momento o reitor já era Laerte Ramos de Carvalho, que permaneceu de setembro de 1965 a novembro de 1967.

Não sabemos exatamente quando poderíamos delimitar o período de reconstrução da UnB, mas o certo é que a universidade começou a recrutar novos membros e a se reestruturar. Alguns professores que estavam no exterior, licenciados, regressaram. Outra questão a ser analisada será a de saber até que ponto a reconstrução se distancia do projeto original.

No caso das Ciências Sociais, o Instituto de Ciências Humanas e o Departamento de Ciências Sociais foram reestruturados a partir de 1969, com a extinção dos Departamentos de Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas, mas com a previsão de que se poderia voltar à forma original no futuro, o que aconteceu.

Apresentaremos agora os objetivos da pesquisa. Pretendemos estudar este passado e concentrar a análise no “Período de reconstrução das Ciências Sociais na UnB”, com um novo grupo e um novo projeto. Este novo grupo não foi recrutado apenas em São Paulo, mas majoritariamente no Rio de Janeiro, no Museu Nacional, alguns com doutorado na USP, no caso da Antropologia. O novo grupo, no caso da Sociologia, foi mais heterogêneo, mas foi recrutado basicamente em Minas Gerais. Professores estrangeiros foram convidados como visitantes para

os cursos de pós-graduação, em período anterior, como por exemplo, Gunder Frank, mas pode-se dizer que construímos e reconstruímos as Ciências Sociais na UnB "sem franceses e sem norte-americanos".

Um aspecto que parece importante na consolidação do Departamento de Ciências Sociais foi a criação da pós-graduação (Sociologia: Mestrado - agosto de 1970, doutorado - início de 1983; Antropologia: Mestrado, 1971 e doutorado em 1981), talvez antes mesmo que fosse dado o grande impulso a estes cursos nas Ciências Sociais no Brasil.

Uma questão que ainda permanece sobre este período de consolidação é o porquê do impulso dado às Ciências Sociais no Brasil durante o regime militar, e mais especificamente no Planalto Central. O vice-reitor e posteriormente reitor da UnB era um capitão da Marinha brasileira, mas diplomado pelo Massachusset Institute of Technology (MIT).

Sobre os vínculos das Ciências Sociais com o Estado, com as políticas públicas e com a comunidade científica nacional e internacional, a impressão é de que o vínculo mais forte das Ciências Sociais no Planalto Central é com o universal, o nacional, até mesmo com o local, e menos com o regional.

Atualmente é bastante patente que a organização da comunidade científica em Ciências Sociais se dá principalmente pelo critério da regionalidade. É este critério que orienta a identidade, a organização e a representação, seja ao nível das associações voluntárias, como Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) ou Associação Brasileira de Antropologia (ABA), assim como a escolha dos membros dos conselhos consultivos ao nível do CNPq e da CAPES. As Ciências Sociais em Brasília permanecem como representantes apenas de Brasília e não da região Centro-Oeste, onde não há outras pós-graduações em Ciências Sociais. Entretanto, o vínculo acadêmico de Goiânia, a aproximadamente 200 quilômetros de Brasília, parece ser mais forte com São Paulo e Rio de Janeiro do que com esta capital, e mais forte na Antropologia do que na Sociologia. No início do Departamento de Ciências Sociais e dos programas de mestrado parece ter havido um interesse maior em pesquisas sobre Brasília e o Centro-Oeste.

Sobre as transformações do Departamento de Ciências Sociais, que englobava a Antropologia, a Sociologia e a Ciência Política⁸ à departamentalização do social, principalmente com o maior distanciamento da Ciência Política, organizacionalmente, porque pertenc-

ce a outra Faculdade, junto com o curso de Relações Internacionais, especialmente e academicamente, não deve ter sido muito favorável a nenhuma das três áreas.⁹ Para a Sociologia a separação teve como consequência a ampliação do seu corpo docente e a criação do doutorado.

Resumindo e vinculando a história das Ciências Sociais na UnB, em Brasília, no Centro-Oeste, com as experiências já analisadas em outros locais, poderíamos destacar os seguintes aspectos como positivos para a consolidação das Ciências Sociais, e de diversos outros cursos, na UnB: uma nova estrutura de universidade; uma nova cidade, sem elites regionais ou o peso da tradição; um grupo mais ou menos homogêneo, em termos de origem acadêmica e regional; apoio do poder político federal, ao nível da criação, do novo formato institucional como fundação e do patrimônio doado; proximidade com agências federais de fomento, mas ainda sem fomento ao nível local¹⁰; política de contratação de doutores, ou clara preferência pela contratação dos mesmos, no período de consolidação; critérios de qualidade mais rígidos que em outras instituições, no período acima e um corpo docente único, formado de doutores, que atuam, simultaneamente, no ciclo básico¹¹, graduação, mestrado e doutorado.

Este artigo procurará analisar porque, de uma série de dificuldades, ao nível interno e local, a Antropologia e a Sociologia estão entre os melhores departamentos ou pós-graduações, no cenário nacional das Ciências Sociais. Dentre as dificuldades, teríamos que considerar o período de reconstrução, os problemas de recrutamento e fixação de professores nos anos sessenta e setenta, para uma cidade recém-inaugurada, sem facilidades urbanas mínimas e sem um ambiente intelectual e cultural mais amplo. É relevante também o fato da UnB ser uma universidade de tamanho médio, não tão consolidada quanto outras, da ausência de financiamento por fontes alternativas-locais, como o de governos estaduais ou até mesmo indústrias, que colocam questões que merecem ser pesquisadas e respondidas, não só quanto ao passado, o presente, mas quanto ao futuro das Ciências Sociais na UnB.

Corpo Docente : Recrutamento, Flutuações e Consolidação

A análise da evolução do corpo docente das Ciências Sociais da UnB, será organizada através de quatro períodos¹². O primeiro período vai de 1962 a 1964¹³, chamado de *período histórico ou heróico*; o segundo de 1965 a 1968, chamado de *período do caos*; o terceiro de 1969 a 1984,

chamado de *período da construção do Departamento de Ciências Sociais*, e o quarto e atual período que vai de 1984 até a presente data, chamado de *período de desagregação do Departamento de Ciências Sociais*, para a formação de departamentos por disciplina científica.

O primeiro período (62/64), o chamado período heróico ou histórico, é o período do surgimento dos Setores de Sociologia, Antropologia e Ciência Política, todos integrados administrativamente ao Instituto Central de Ciências Humanas (ICCH). Nesta época não havia o curso de Ciências Sociais.

Para a implantação da UnB, o então reitor Darcy Ribeiro "saiu pelo Brasil a fora recrutando professores, de preferência jovens."¹⁴ Não sabemos com certeza os critérios para a contratação dos primeiros professores, no entanto sabemos que era necessária a apresentação do Currículo Vitae, uma entrevista e a apresentação de um projeto de tese, no caso de professores instrutores.

Em 1962, havia um total de oito professores nos três setores supracitados. Eram professores em sua maioria jovens, dentre eles José Albertino Rodrigues, Eduardo E. Galvão, Ruy Mauro de A. Marini, Perseu Abramo. A maioria dos professores pertencia aos Setores de Sociologia e de Política, somente o professor Eduardo Galvão era do Setor de Antropologia.

Em 1963 houve um aumento no número de professores, passando para 14, isto é, houve uma taxa de crescimento de 75%. Foram contratadas as professoras Vânia G. Bambirra e Adélia Maria E. G. de O. Rodrigues e o professor Andrew Gunder Frank (como professor visitante), entre outros. Em 1964, apesar de 11 professores terem sido demitidos, 16 foram contratados, a taxa de crescimento continuou positiva, 28,57%, passando para 18 o número de professores, conforme pode ser observado na tabela 1. Destes novos, dez eram instrutores, isto é, professores graduados que eram admitidos e tinham o compromisso de apresentar uma tese depois de um determinado período, como prova da conclusão da pós-graduação. Podemos dizer que é a partir deste momento que se inicia o período do caos.

O período caótico (65/68) é marcado pelos reflexos do golpe militar de 1964 na UnB. No segundo semestre de 1964 não houve aula de Sociologia por falta de professores. A taxa de crescimento do corpo docente dos Setores de Antropologia, Sociologia e Política, em 1965, pela primeira vez foi negativa e em 1966 foi nula (tabela 1). O golpe militar esvaziou estes setores quantitativa e qualitativamente, isto é, não somente através da demissão de professores, mas porque começou a

censura intelectual e a contratação de professores sem a qualificação exigida para uma universidade que deveria servir de modelo para o país. Como diz o professor Laraia: "A sensação que se tem (...) é de que na UnB se colocou um aviso na entrada como se faz em obras: há vagas. Então foi contratada para a universidade uma quantidade de antropólogos e, principalmente de sociólogos, felizmente para Antropologia. Mas o fato é que as pessoas não tinham nenhuma experiência docente ou de pesquisa".¹⁵

Este período também é marcado por um fato inédito, qual seja, o pedido de demissão coletiva dos professores da UnB (210 professores pediram demissão), em virtude da demissão do professor Roberto Décio de Las Casas, do Setor de Sociologia, em 1965.

TABELA 1

EVOLUÇÃO E TAXA DE CRESCIMENTO DO CORPO DOCENTE DO CIS¹⁶

Ano	Nº Abs.	Taxa Cresc. (%)	Ano	No. Abs.	Taxa Cresc. (%)
1968	08	-	1974	30	7,14
1963	14	75,00	1975	35	16,66
1964	18	28,57	1976	32	-8,57
1965	12	-33,33	1977	32	0,00
1966	12	0,00	1978	28	-12,50
1967	15	25,00	1979	32	14,28
1968	18	20,00	1980	34	6,25
1969	19	5,55	1981	34	0,00
1970	21	10,52	1982	35	2,94
1971	23	9,52	1983	34	-2,85
1972	35	52,17	1984	22	-35,29
1973	28	-20,00	1985	22	0,00

Fonte: dados agregados pelos pesquisadores.

Outra característica deste período é a grande rotatividade, ou melhor, instabilidade do corpo docente daqueles setores. Em 1965, foram demitidos sete professores que haviam sido contratados em anos anteriores. Foram contratados, neste ano, 14 professores, sendo que sete

destes foram demitidos no mesmo ano. Além disso, seis professores da relação de 1964 deixaram de constar na relação de 1965. Em 1966, foram contratados dez professores, por outro lado, dez professores da relação de 1965 deixaram de constar na relação de 1966.

Neste período houve a primeira reforma na área das Ciências Sociais. Foram extintos os Setores de Sociologia, Antropologia e Ciência Política e criados o Departamento de Sociologia e Antropologia e o Departamento de Ciências Políticas, em agosto de 1967.

Além da instabilidade do corpo docente neste período, que por si só afetou o funcionamento das Ciências Sociais, houve várias invasões militares e/ou policiais no Campus Universitário. A iminência de novas invasões à procura de comunistas instalou um clima de terror intelectual, impossibilitando o recrutamento de um corpo docente qualificado. Houve um decréscimo do corpo docente das Ciências Sociais, quando comparamos com a evolução do corpo docente do ICCH e da UnB, conforme tabela 2. Uma exceção se configura no ano de 1965, quando houve um decréscimo global na evolução do corpo docente da UnB, em virtude do pedido de demissão coletiva dos professores.

TABELA 2
TAXA DE CRESCIMENTO EVOLUÇÃO COMPARADA DO CORPO
DOCENTE DO CIS, DO ICCH E DA UNB.

Ano	CIS		ICCH		UnB	
	N	Taxa Cresc. (%)	N	Taxa Cresc. (%)	N	Taxa Cresc. (%)
1962	08	-	36	-	84	-
1963	14	75	39	8,33	128	52,38
1964	18	28,57	52	33,33	201	57,03
1965	12	-33,33	48	-7,69	153	-23,88
1966	15	0,00	98	104,16	341	122,87
1967	15	25,00	33	19,51	504	11,75
1968	18	20,00	41	19,51	504	11,75

Fonte: - UnB/APC. Diagnóstico de Desenvolvimento da UnB 1962/68. Brasília, UnB, 1968. - com dados agregados pelos pesquisadores.

Este quadro comparativo também demonstra que a área das Ciências Sociais foi uma das mais penalizadas ou prejudicadas no chamado período caótico. O corpo docente decresceu globalmente na universi-

dade. Em 1966 são contratados novos docentes, observando-se uma taxa de crescimento de 104,16% no ICCH e 122,87% na UnB, enquanto que nos Setores de Sociologia, Antropologia e Ciência Política a taxa de crescimento foi nula. Neste processo que poderíamos denominar de “reposição imediata do corpo docente na UnB”, o critério de qualificação não foi considerado.

O período de reconstrução das Ciências Sociais (1969/84) é caracterizado por mudanças profundas. A universidade começou a investir na reconstrução do seu corpo docente. Contratou o professor Roque de Barros Laraia e o professor Júlio César Melatti para reconstruírem o Departamento de Ciências Sociais.

“... cheguei aqui numa data muito estranha de se chegar. Cheguei em 01/01/69, eu e o professor Melatti. Viemos juntos no mesmo avião para reconstruir ou construir o Departamento de Ciências Sociais.

Era um desafio, era uma tarefa que não era nada agradável. Por um lado parecia muito fascinante, porque eu tinha carta branca e possibilidade de contratar professores desde que convencesse as pessoas a vir para Brasília. Mas por outro lado, tinha o encargo de demitir muita gente para abrir espaço para esses professores que seriam contratados. Eu me lembro que chegou um tempo que eu não podia ir ao Teatro Nacional, qualquer lugar que eu olhava tinha alguém olhando para mim de cara feia ...”¹⁷

Em 1969 foram extintos o Departamento de Sociologia e Antropologia e o Departamento de Ciências Políticas e criado o Departamento de Ciências Sociais (CIS). Foram contratados os professores Fernando Correia Dias, Maria Inês Bastos e Maria Mercês Gomes, provenientes de Belo Horizonte, entre outros. Segundo o professor Roque Laraia “essas três pessoas foram extremamente importantes para a história do Departamento de Ciências Sociais”.

A partir do segundo semestre de 1969 foi implantado o curso de Ciências Sociais (graduação). Em 1970 foi criada a pós-graduação em Sociologia, com a contratação de vários professores, como Gláucio Ary Dillon Soares e Hércio Ulhoa Saraiva: “A Antropologia andava mais devagar”.¹⁸ Havia apenas quatro professores na Antropologia: Roque de B. Laraia, Júlio César Melatti, Eurípedes da Cunha e Mireya S. e Soares. A Antropologia deu o seu salto quantitativo somente em 1972, com a criação do seu mestrado e a contratação dos professores Roberto Cardoso de Oliveira, Klaas Woortmann, Alcida Rita Ramos e Kenneth Iain Taylor. A Antropologia começa a caminhar para a pós-graduação de conceito “A”, juntamente com a Sociologia.

A partir daí, podemos dizer que começa a consolidação do Departamento de Ciências Sociais, com uma crescente contratação de professores qualificados, de preferência doutores. Contudo este Departamento incorporou o curso de Serviço Social, em virtude da falência de uma faculdade particular.

Em 1976 há o primeiro sintoma de desagregação do Departamento de Ciências Sociais, com a saída da Ciência Política e o surgimento do Departamento de Relações Internacionais e Ciência Política. No entanto, esta desagregação seria completada em meados da década de 80, quando em 1984 a Sociologia cria o seu Departamento, o SOL, e em 1986, surgem o Departamento de Antropologia (DAN) e Departamento de Serviço Social (SER), sendo extinto o CIS.

O período atual, mais concretamente, o período dos departamentos por disciplina, como já se organizava a pós-graduação, tem como característica principal um corpo docente altamente qualificado¹⁹, tanto na Antropologia como na Sociologia, e uma conceituada produção acadêmica. Se a criação dos mestrados em Sociologia e Antropologia em 1970 e 1972, respectivamente, foi importante para as Ciências Sociais da UnB, a criação dos doutorados em Antropologia e Sociologia em 1981 e 1983, respectivamente, consolidou finalmente, ao que parece, as Ciências Sociais desta universidade.

Estes Departamentos se consolidaram e a Antropologia e a Sociologia da UnB, conforme avaliação da CAPES, estão entre os melhores programas de pós-graduação em Ciências Sociais do país, apesar do esvaziamento das Ciências Sociais nesta universidade, em meados da década de 70, promovido pelo golpe militar. Por outro lado, não podemos esquecer que, posteriormente, na UnB, o ex-reitor e capitão da Marinha, José Carlos de Azevedo, deu apoio para a contratação de professores qualificados para o Departamento de Ciências Sociais.²⁰

Apesar de toda a crise existente no ensino universitário, por fatores que não vamos analisar aqui, o corpo docente do Departamento de Antropologia é muito estável, porém pequeno. Ele teve um crescimento significativo em 1987, conforme tabela 3. O aumento de vagas, que ocorreu também na Sociologia, deveu-se ao processo de reintegração dos professores demitidos por motivos políticos durante o período do regime militar.²¹ A maior parte destes professores não voltou a trabalhar nestes dois Departamentos, apenas foram reintegrados ao cargo de professor e se aposentaram, deixando as vagas, que foram preenchidas por professores concursados.

TABELA 3
EVOLUÇÃO E TAXA DE CRESCIMENTO DO CORPO DOCENTE
DO DAN

Ano	N	Taxa Cresc. (em %)
1986	11	
1987	15	36,36
1988	16	6,66
1989	16	0,00
1990	17	6,25
1991	16	-5,88
1992	16	0,00

Fonte: dados agregados pelos pesquisadores

O corpo docente do Departamento de Sociologia continua com uma taxa de crescimento positiva conforme os dados da tabela 4. A diferença do tamanho do corpo docente nos dois Departamentos é significativa, com 13 professores a mais no Departamento de Sociologia. Este oferece oito turmas de Introdução à Sociologia, por semestre, que é obrigatória para quase todos os cursos da UnB, enquanto o Departamento de Antropologia oferece cinco turmas de Introdução à Antropologia. O SOL possui um Programa Especial de Treinamento (PET) da CAPES, com 12 alunos.

TABELA 4
EVOLUÇÃO E TAXA DE CRESCIMENTO DO CORPO DOCENTE
DO SOL

Ano	N	Taxa Cresc. (em %)
1984	14	*
1985	15	7,14
1986	16	6,66
1987	21	31,25
1988	21	0,00
1989	23	9,52
1990	25	8,69
1991	26	4,00
1992	29	11,53

Fonte: dados agregados pelos pesquisadores

O Departamento de Sociologia pós-graduou 30 mestres a mais que o Departamento de Antropologia, até setembro de 1992. Não há diferença significativa quanto ao número de doutores pós-graduados pelos dois Departamentos, nove no Departamento de Antropologia e dez no de Sociologia. O Departamento de Sociologia publica também a Revista **Sociedade e Estado**, enquanto o de Antropologia publica o **Anuário Antropológico**. A pós-graduação em Sociologia possui três áreas de concentração no doutorado, e duas no mestrado, respectivamente: Sociedade e Estado, Ciência, Tecnologia e Sociedade (em convênio com a Embrapa) e Estudos comparativos da América Latina e Caribe (em convênio com a FLACSO, com a participação da Antropologia), e as duas primeiras no mestrado.

É importante observar que o Departamento de Sociologia desenvolve, ao mesmo tempo, várias atividades, de uma forma integrada, o que talvez seja possível pelo fato de: primeiro, a UnB e os departamentos terem se organizado em oposição ao "dualismo estrutural"²² observado nas outras universidades brasileiras, que parece ter reforçado bastante a orientação da carreira acadêmica dos professores e a identidade dos alunos, pelo menos dos orientados academicamente; segundo, 100 por cento dos professores serem doutores e terem adquirido este grau em instituições em diversos países (Alemanha, Brasil (UnB e USP), Canadá, EUA, França, Inglaterra e México); e terceiro, da maioria desenvolver pesquisas com alunos de graduação e pós-graduação e possuir uma forte orientação cosmopolita profissional e acadêmica, nacional e internacionalmente.²³

Para finalizar, observa-se que, apesar dos descaminhos da educação brasileira nos últimos anos, o saldo é positivo, pois a história das Ciências Sociais da UnB durante os seus 30 anos demonstra que é possível superar o terror intelectual, a falta de professores e as crises que parecem intermináveis, em determinadas conjunturas.

A Pós-Graduação

Para analisar a pós-graduação em Ciências Sociais na UnB tem que se levar em consideração pelo menos duas dimensões que estão relacionadas, direta ou indiretamente, com a história da mesma: o contexto nacional de implantação das pós-graduações e a reconstrução ou construção do Departamento de Ciências Sociais na UnB.

A primeira dimensão, o contexto nacional de implantação das pós-graduações, cronologicamente, situa-se em meados dos anos sessenta até o primeiro ano da década seguinte. Nesse período, observa-se o início dos programas de pós-graduação - com exceção da USP que já possuía um programa próprio, mas que posteriormente se adaptaria à nova legislação em 1971. Essa nova legislação a respeito do modelo de pós-graduação entra em conflito com o já existente na USP, cujo desenvolvimento fez-se de forma espontânea, segundo tendências ou padrões endógenos, de inspiração francesa.²⁴ Em outras palavras, o ponto de partida do sistema nacional de programas de mestrados em Ciências Sociais (e é nesse contexto que Mestrados em Antropologia e Sociologia se inserem) é o período compreendido entre 1965-1971. Esse ponto de partida se dá em consequência da ação do governo federal ao implantar um modelo de pós-graduação inspirado nos moldes norte-americanos. Um dos pilares desse "modelo" ficou explicitado no parecer do Conselho Federal de Educação nº. 977/65.

A segunda dimensão a ser considerada na análise da pós-graduação em Ciências Sociais na UnB é a reconstrução ou construção do Departamento de Ciências Sociais (CIS), no qual foram criados os mestrados em Sociologia e Antropologia, e o doutorado em Antropologia. O doutorado em Sociologia só foi criado pelo Departamento de Sociologia, depois do desmembramento do CIS. O interessante nesse contexto é que não foi criado um mestrado em Ciências Sociais, mas os mestrados específicos em Sociologia e Antropologia, antecipando a organização departamental, implantada posteriormente, por disciplinas. Como esta dimensão já foi tratada na parte anterior do artigo, passamos a analisar algumas características do corpo discente dos programas de pós-graduação.

No programa de pós-graduação em Sociologia, desde 1973, data da primeira defesa de dissertação, até 1992, foram aprovadas 106 dissertações; e de 1987, primeira turma de doutores, a 1992, dez teses foram aprovadas. No programa de pós-graduação em Antropologia, desde 1974, primeira turma de mestres, até 1992, 73 dissertações foram aprovadas; e de 1987, primeira turma de doutores, a 1992, nove teses foram aprovadas. A distribuição do número de doutores e mestres, ao longo dos anos, tanto de um programa quanto do outro, não tem sido uniforme: em alguns anos uma grande quantidade de alunos adquiriu o(s) grau(s) de mestres e/ou doutores, enquanto em outros anos um número baixíssimo de alunos adquiriu os mesmos títulos. Através das Tabelas 5 e 6 é possível ver essa distribuição:

TABELA 5

**DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS NO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA (SOL)**

ANO	DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS	TESES DEFENDIDAS
1973	07	—
1974	03	—
1975	04	—
1976	05	—
1977	14	—
1978	11	—
1979	11	—
1980	06	—
1981	03	—
1982	04	—
1983	03	—
1984	03	—
1985	03	—
1986	03	—
1987	01	02
1988	08	01
1989	05	01
1990	06	01
1991	02	05
1992	04	—
TOTAL:	106	10

FONTE: Departamento de Sociologia (SOL)

TABELA 6**DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS NO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA (DAN)**

ANO	DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS	TESES DEFENDIDAS
1974	01	—
1975	04	—
1976	02	—
1977	09	—
1978	03	—
1979	07	—
1980	05	—
1981	07	—
1982	04	—
1983	03	—
1984	03	—
1985	03	01
1986	03	—
1987	03	—
1988	01	02
1989	01	—
1990	04	01
1991	06	01
1992	04	04
TOTAL:	73	09

FONTE: Departamento de Antropologia (DAN)

Dentre os alunos que adquiriram título de pós-graduação na UnB, nas duas áreas referidas, muitos deles ocupam posições de relevo no campo da Sociologia e da Antropologia, ou melhor, das Ciências Sociais em geral²⁵. Alguns destes pós-graduados foram contratados pela UnB. A taxa de endogenia²⁶ tem sido maior, recentemente, mas não é muito alta ainda. Para se ter uma idéia, dos 29 atuais professores/doutores do Departamento de Sociologia, dez adquiriram títulos de mestres e/ou doutores na própria UnB, ou seja 34,4%. Alguns destes, também, cursaram a graduação na UnB, não necessariamente no Depar-

tamento de Ciências Sociais, e, pelo menos, um dos cursos de pós-graduação. Em dois casos, o professor obteve todos os graus na UnB, mas um deles em Antropologia, conforme a Tabela 7.

TABELA 7
DOCENTES DO SOL GRADUADOS E PÓS-GRADUADOS NA UnB

DIPLOMAS	NÚMERO DE PROFESSORES
GRADUAÇÃO	-
MESTRADO	1
DOCTORADO	1
GRAD.-MESTRADO	1
GRAD.-DOCTORADO	-
MESTR.-DOCTORADO	2
GRAD.-MESTR.-DOCTORADO	2
TOTAL	10

FONTE: Departamento de Sociologia - UnB

Esse número também é representativo no DAN. Dos atuais 16 professores/doutores do Departamento de Antropologia quatro obtiveram os graus de mestres e/ou de doutores na própria UnB, um dos atuais professores obteve a graduação e mestrado e outro cursou apenas a graduação. São cinco professores com um ou mais diplomas, na UnB, isto é, aproximadamente, 41,2%, conforme dados da tabela 8. Este dados foram coletados até final de 1992, para os dois Departamentos.

TABELA 8
DOCENTES DO DAN GRADUADOS E PÓS-GRADUADOS NA UnB

DIPLOMAS	NÚMERO DE PROFESSORES
GRADUAÇÃO	1
MESTRADO	1
DOCTORADO	1
GRAD.-MESTRADO	1
GRAD.-DOCTORADO	-
MESTR.-DOCTORADO	1
GRAD.-MESTR.-DOCTORADO	-
TOTAL	5

FONTE: Departamento de Antropologia - UnB

Outro aspecto importante a respeito do corpo discente são as dissertações e teses defendidas na UnB que se transformaram em livros. No Departamento de Sociologia quatro dissertações e uma tese assumiram esta forma.²⁷ No Departamento de Antropologia cinco dissertações e uma tese transformaram-se em livros.²⁸ O volume de dissertações e teses publicadas em forma de livro em relação ao total das defendidas talvez não seja, numericamente, tão significativo (Sociologia 4/106 e 1/10; e Antropologia 5/73 e 1/9), mas algumas destas tornaram-se um marco de referência no respectivo campo de conhecimento, como, por exemplo, a dissertação de Regina de M. Morel, para os estudos em Sociologia da Ciência & Tecnologia no Brasil. Não foi realizado o levantamento de quantas dessas dissertações/teses foram publicados em forma de artigos, mas supomos que, principalmente, aqueles que continuaram na academia, publicaram grande parte de seus trabalhos desta forma.

Estes departamentos organizaram-se com bastante diversidade, em linhas de pesquisas que se refletem nas teses e dissertações aprovadas, e que em certo sentido refletem, também, as áreas predominantes de cada departamento, assim como a do próprio curso de pós-graduação, isto é, a variedade temática dos trabalhos aprovados.

Através das dissertações e teses defendidas no Programa de Mestrado e Doutorado do Departamento de Sociologia é possível perceber a ampla variedade temática dos trabalhos aprovados, assim como a área de concentração. Frente às 106 dissertações aprovadas neste Departamento vemos a predominância da área de Sociologia Rural, que teve um grande impulso a partir de meados da década de 70, com grande número de projetos e alunos matriculados, além de um significativo financiamento, com 33,0% das dissertações aprovadas. Em seguida vêm as áreas de Sociologia Política e de Cultura, ambas com 15,7% ; Ciência & Tecnologia, com 9,4%; Sociologia da Educação, com 8,4%; Desenvolvimento, com 6,6%; Trabalho, com 5,6%; e Urbana, com 4,7%. No início do programa de mestrado todas estas linhas de pesquisa já estavam se delineando, através das pesquisas dos professores e das dissertações dos mestrandos, talvez com um certo predomínio de temas ligados à Política, Desenvolvimento e Trabalho; outras áreas foram se desenvolvendo e consolidando, como Rural, Ciência e Tecnologia e Cultura. E o programa de Doutorado, com dez teses aprovadas, apresenta a predominância nas áreas de Política e Ciência & Tecnologia, ambas com 30%, seguidas das áreas de Socio-

logia Rural, Política e da Educação, cada uma das três com 20%; e finalmente Sociologia do Trabalho com 10%. Veja esta distribuição, em números absolutos, na tabela 9.

TABELA 9
DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS; POR LINHA DE PES-
QUISA NO DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA (SOL)

TEMAS / ÁREAS	MESTRADO	DOCTORADO
RURAL	35	02
POLÍTICA	17	02
CULTURA	17	00
CIÊNCIA E TECNOLOGIA	10	03
EDUCAÇÃO	09	02
DESENVOLVIMENTO	07	—
TRABALHO	06	01
URBANA	05	—
TOTAL	106	10

FONTE: Departamento de Sociologia - UnB

O Programa de Mestrado em Antropologia também apresenta uma ampla variação temática, com 73 dissertações aprovadas. A principal área de concentração é a de Relações Interétnicas, com 26%, seguida de Estudos Urbanos e Cultura Popular, ambas com 12,3%; Camponato, com 9,5%; Pescadores e Representação da Saúde, ambas com 8,2%; Religião e Pensamento Social, as duas com 5,4%; Etnologia Indígena, com 4,1%; Identidade e Construção do Gênero, as duas com 2,7% e, finalmente, Extrativismo e Desenvolvimento, as duas com 1,3%. O Programa de Doutorado, com um universo de nove teses aprovadas, apresenta como principal área, a de Pensamento Social com 33,3%, seguida de Relações Interétnicas, com 22,2%, Cultura Popular, Camponato, Pescadores e Etnologia Indígena, todas as quatro, com 11,1%. Veja esta distribuição, em números absolutos na tabela 10.

TABELA 10
DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS POR LINHA DE PESQUISA NO DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA (DAN)

TEMAS / ÁREAS	MESTRADO	DOUTORADO
RELAÇÕES INTERÉTNICAS	19	02
ESTUDOS URBANOS	09	—
CULTURA POPULAR	09	01
CAMPESINATO	07	01
PESCADORES	06	01
REPRESENTAÇÕES DA SAÚDE	06	—
RELIGIÃO	04	—
PENSAMENTO SOCIAL	04	03
ETNOLOGIA INDÍGENA	03	01
IDENTIDADE	02	—
CONSTRUÇÃO DO GÊNERO	02	—
EXTRATIVISMO	01	—
DESENVOLVIMENTO	01	—
TOTAL	73	09

FONTE: Departamento de Antropologia - UnB

Para concluirmos este item, podemos dizer que a forte representatividade da pós-graduação em Ciências Sociais na UnB, no sentido de trabalhos publicados, repercussão nacional e internacional, juntamente com a relevante posição e função dos mestres e doutores que se formaram na UnB, assim como uma série de outros fatores, talvez sejam os reflexos da integração do corpo docente, tanto com todas as atividades de ensino e pesquisa desenvolvidas na graduação, mestrado e doutorado, quanto com a totalidade do corpo docente. Esses fatores fazem com que a Antropologia e a Sociologia consigam sempre uma classificação excelente no sistema de avaliação da CAPES, como programas "A", tanto de mestrado quanto de doutorado. Apenas em uma única vez o mestrado em Sociologia recebeu a classificação "B" na CAPES, em 1980. Fora isso, podemos afirmar que o programa de pós-graduação da UnB nas duas áreas, Sociologia e An-

tropologia, tanto de mestrado quanto de doutorado, tem se mantido no nível "A", recebendo com isso grande destaque nacional.

As Ciências Sociais no Brasil : Um Ensino Privado

Temos um total de 70 cursos de Ciências Sociais no Brasil, classificados segundo a natureza da instituição (Universidades; Federações de Escolas e Federações Integradas; e Estabelecimentos Isolados) e segundo a dependência administrativa (em nível Federal, Estadual, Municipal e Particular), de acordo com a tabela 11.

TABELA 11
DISTRIBUIÇÃO DOS CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS, POR
DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA

Dependência Administrativa	NATUREZA DA INSTITUIÇÃO			TOTAL
	Univ.	FE/FI	EI	
Federal	18	—	—	18
Estadual.	07	—	02	09
Municipal.	01	—	—	01
Particular	11	09	22	42
Total	37	09	24	70

FONTE: MEC/SAG/CPS/CIP (SEEC): Dados. FE= Federação de Escolas, FI= Federações Integradas, e EI= Estabelecimentos Isolados.

Estes dados demonstram que, ao contrário do que se pensa²⁹, a maioria dos cursos de Ciências Sociais é oferecida pelas instituições particulares de ensino superior, 42 cursos, sendo que mais de 50% (22 cursos), em estabelecimentos isolados; ao nível federal só as universidades possuem cursos, com a segunda oferta, 18 cursos, e em terceiro lugar, com uma grande diferença vêm as instituições estaduais com nove cursos, sete deles em universidades estaduais, com o peso grande das universidades estaduais paulistas, tais como USP, UNICAMP e UNESP. Entre as universidades que oferecem o curso de Ciências So-

ciais, a oferta das particulares supera a das estaduais, e não é muito distante das federais.

Como existe uma esfera de organização da atividade científica, ao nível nacional, através de associações, como a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), ao nível de comitês acadêmicos no CNPq, na CAPES, e deste universo, participam quase que exclusivamente os cursos de Ciências Sociais das universidades federais e das estaduais paulistas, é surpreendente verificar que de 70 cursos de Ciências Sociais oferecidos no Brasil, 42 deles são oferecidos por estabelecimentos particulares de ensino.

Quando são analisados o número de conclusões no curso de Ciências Sociais no ano de 1989 e de matrículas no ano seguinte (1990), conforme dados das tabelas 12 e 13, verifica-se a mesma tendência de superioridade de ambos em instituições particulares. Na pós-graduação, entretanto, ocorre o inverso, pois a quase totalidade dos cursos é oferecida por instituições públicas, universidades federais e estaduais, com a única exceção das universidades católicas (PUCs), mas que por serem pagas não têm muita capacidade de atrair candidatos à pós-graduação em Ciências Sociais.

TABELA 12
CONCLUSÕES E MATRÍCULAS EM CIÊNCIAS SOCIAIS, POR
DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA

Dependência Administrativa	Conclusões em 1989	Matrículas em abril de 1990
Federal	511	4.676
Estadual	203	2.580
Municipal	-	150
Particular	1.089	6.035
Total	1.803	13.441

Fonte: *Idem*

TABELA 13
CONCLUSÕES E MATRÍCULAS NO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, POR DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA E NATUREZA DA INSTITUIÇÃO

DEP. ADM.	NATUREZA DA INSTITUIÇÃO					
	UNIV. CONC. MAT.		FE/FI CONC. MAT.		EI CONC. MAT.	
FED.	511	4.676	—	—	—	—
EST.	175	2.405	—	—	28	175
MUN.	—	150	—	—	—	—
PART.	366	2.157	236	1.149	487	2.729
TOTAL	1.052	9.388	236	1.149	515	2.904

Fonte: *Idem*

Apesar de não ser possível comparar a relação entre ingresso e conclusão do curso numa série temporal, pode-se observar nestes dados o que Paixão (1991: 197) denomina a medida inequívoca do “fracasso das estratégias e práticas de formação de profissionais”: “a grande desproporção entre o número de estudantes aprovados no exame vestibular e a produção de graduados em Ciências Sociais”, mesmo nos estabelecimentos privados de ensino.

A Graduação: Um Esboço Inacabado

As pesquisas sociológicas sobre educação no Brasil têm mostrado que as desigualdades de classe e/ou sociais são altamente relacionadas com o sucesso escolar. Diversos trabalhos, como o de Todorov (1977) e Ruas (1991) sobre a UnB, e Schwartzman (1991) sobre a USP, demonstram que o nível sócio-econômico é um dos determinantes não só do nível de escolaridade, mas também das escolhas profissionais.

Todorov afirma que a seleção social via ensino atua desde as primeiras séries do primeiro grau e demonstra isto com dados de evasão escolar. O vestibular apresenta-se como outra forma de seleção social, porque quanto mais baixa a posição social, menor o nível de ensino frequentado e menor é o tempo disponível para o ensino (no caso do estudante trabalhar), ou seja, menor a probabilidade de acesso à universidade.

de, visto que o acesso é concorrencial e quem dispõe de ensino de melhor qualidade tem condições melhores. A culpa do insucesso recai sobre o indivíduo e a sociedade se abstém da responsabilidade.

Fazendo uma análise sobre o perfil do aluno da UnB condicionando a escolha de cursos no início dos anos 70, Todorov afirma que a primeira variante a ser considerada é o "sexo". É socialmente instituído que as mulheres têm certas "características especiais". Há um determinismo social velado quanto aos cursos adequados ao sexo feminino e estes são, em sua maioria, os de tendência acadêmica, ou ainda, os de apoio, como o curso de Enfermagem. Demonstra ainda que entre os anos 70 e 71 bem mais de 50% dos alunos de Ciências Sociais eram mulheres. Dados recentes sobre este curso na Universidade de Brasília demonstram que a diferença de percentual entre homens e mulheres não é considerável, embora as mulheres ainda sejam a maioria. (Ruas,1991).

Na análise dos dados estatísticos sobre as Ciências Sociais nos vestibulares e sua relação com outros cursos na Universidade de Brasília, verificamos que até o primeiro vestibular de 1989 a demanda pelo curso de Ciências Sociais (Antropologia, Sociologia e Ciência Política) era, em média, de cinco candidatos por vaga. Outro aspecto a ser considerado na questão da demanda, é que, a partir do segundo vestibular de 1988 foi abolida a pré-opção. Antes, havia três opções e a demanda pelas Ciências Sociais concentrava-se principalmente na 3a. opção. Este fato revela um baixo prestígio da profissão, mas não caracteriza, ainda, as Ciências Sociais como um curso trampolim, talvez devido ao prestígio destes cursos na UnB e nacionalmente.³⁰

TABELA 14
CIÊNCIAS SOCIAIS NOS VESTIBULARES (PRIMEIRO SEMESTRE)

ANO	NÚM. DE		DEMANDA		CAN. POR		NÚM.	
	VAGAS	CAND.	POR VAGA	SOBRA	SEXO (%)	FEM MASC	DE VAGAS	HUM EXA
1988	25	125 (*)	5,0	11	-	-	435	475
1989	25	139	5,3	05	53,2	46,8	555	480
1990	25	75	3,0	02	-	-	560	480
1991	30	96	3,2	—	52,8	47,2	662	526
1992	30	117	3,9	—	54,7	45,3	665	526

(*) - A partir do primeiro vestibular de 1988 foram abolidas as pré-opções.

TABELA 15
CIÊNCIAS SOCIAIS NOS VESTIBULARES (SEGUNDO SEMESTRE)

ANO	NÚM. DE		DEMANDA		CAND. POR		NÚM.	
	VAGAS	CAND.	POR VAGA	SOBRA	SEXO (%)		DE VAGAS	FEM MASC
1988	25	83	3,32	11	—	—	435	475
1989	25	92(**)	3,68	05	48,9	51,1	580	480
1990	25	72	2,88	02	—	—	560	480
1991	30	79	2,63	—	54,4	45,6	662	526
1992	30	—	—	—	—	—	—	—

(**) - A partir do segundo vestibular de 1989 - Ciência Política tem seu primeiro vestibular específico, separado de Ciências Sociais.

FONTES - Interface - publicação informativa e técnica da Diretoria de Acesso ao Ensino Superior -DAE Universidade de Brasília - Vol. 01 números 01 ao 10 (exceto o 09), Vol. 02 números 01 ao 05. Bancos de dados da DAE.

A partir do 2º vestibular de 1989 as Ciências Sociais ofereceram vagas somente para os cursos de Antropologia e de Sociologia. Neste mesmo vestibular, as vagas do curso de Ciências Políticas foram oferecidas pelo Departamento de Relações Internacionais e Ciências Políticas. Em 1991, as Ciências Sociais passam a oferecer 30 vagas, antes eram oferecidas somente 25 vagas, e apresenta uma demanda média de três candidatos por vaga.

Apesar do número de candidatos ter baixado, devido a todas estas modificações, ainda pode-se afirmar que, embora não seja um curso dos mais procurados, como Medicina, Odontologia e Direito, o curso de Ciências Sociais, com vagas ociosas, ainda não é considerado como "curso trampolim", ou seja, cursos com índice de evasão maior, onde os alunos permanecem por algum tempo até conseguir passar na opção que desejam, como é o caso da Química, Biblioteconomia e Artes Cênicas e Plásticas. Esta posição intermediária, e dados de pesquisa que revelam que a maioria dos alunos de Sociologia trabalha, podem revelar o que Paixão observa para a UFMG:

Tudo parece indicar que atraímos alunos medianos do ensino de 2º grau progressivamente deteriorado e cujo *background* social impõe limites óbvios à dedicação exclusiva aos estudos.

Isto quer dizer o seguinte: nossos estudantes lêem mal (em português), escrevem pior e pouco se esforçam em aprender - as taxas elevadas de mortalidade estudantil são "profecias autocumpridas" do efeito

agregado de formação escolar deficiente, dedicação parcial ao curso e percepção "realista" das chances precárias de profissionalização oferecidas pelo mercado de trabalho. ... (Paixão, 1991: 198)

Mas a análise da trajetória escolar do aluno de Ciências Sociais da UnB mostra que 54% dos alunos estudaram em estabelecimentos de ensino privado no 1o. grau, 66,5% no 2º grau e 52,5% fizeram um cursinho preparatório. Tem-se que dos graduandos em Ciências Sociais da UnB 88,5% concluiu o 2º grau em estabelecimentos escolares situados em capitais, principalmente do DF e do Sudeste, onde a qualidade dos serviços educacionais tende a ser superior à das localidades do interior e de outras regiões do Brasil, mesmo no que se refere às escolas públicas. Os alunos do curso de graduação de Ciências Sociais, tanto da UnB quanto da USP, possuem origem social relativamente alta, esta é a conclusão a que chegam Maria das Graças Ruas (1991) e Simon Schwartzman (1991), de acordo com a pesquisa realizada nas duas universidades, onde analisam desde o perfil sócio-econômico dos alunos até as questões determinantes para a escolha do curso.

Ruas percebe, desta forma, que uma grande parcela dos graduandos da UnB pertence a extratos sociais cujos graus de liberdade parecem ser suficientes para permitir que os critérios de qualidade do ensino orientem a opção, e não apenas critérios financeiros.

Sobre a situação financeira dos alunos de Ciências Sociais da UnB, Ruas, através de outros fatores, observou que 41,5% possuem condução própria, 63% possuem moradia própria, apesar de 51,5% trabalharem, sendo um dos cursos da UnB onde se encontra uma alta porcentagem de alunos que exercem algum tipo de trabalho. Dos estudantes de Ciências Sociais da UnB que trabalham, 41,0% têm acesso a uma flexibilidade de horário para que se adeque às atividades acadêmicas, apenas 9,5% são estagiários e 5% são assistentes de pesquisa, evidenciando, desta forma, uma baixa quantidade de atividades acadêmicas extracurriculares.

Schwartzman, por sua vez, em sua pesquisa sobre a trajetória acadêmica dos alunos de graduação da USP, confirma a origem social relativamente elevada dos estudantes desta instituição, utilizando como indicadores o nível educacional, profissional e de renda dos pais, uma vez que ele considera estes componentes os mais centrais da posição sócio-econômica das pessoas.

Um outro ponto que a pesquisa deste autor nos mostra, é a influência da posição social dos pais nas escolhas profissionais dos filhos. O

principal efeito da educação dos pais é sobre a Pedagogia. A Pedagogia é mais escolhida por famílias de baixa escolaridade e mais rejeitada pelas de nível educacional mais alto. O efeito sobre a Engenharia Elétrica e as Ciências Sociais tende a ser o oposto, enquanto que a Física parece ser relativamente mais escolhida por filhos de família de nível educacional médio.

No que se refere à escolha da UnB como uma instituição universitária, os alunos enumeram os seguintes fatores: o fato da UnB oferecer o curso do interesse do estudante, para 90,5%; por ser o ensino de alta qualidade, 72,5%; prestígio da instituição, 67%. Outra razão, esta puramente pragmática, é o fato da universidade estar situada na mesma cidade em que o aluno mora, alcançando 73,5%.

A verificação dos motivos pelos quais os alunos escolheram o curso permite confirmar os motivos da escolha da instituição: 95,5% foram orientados pelo interesse pelo assunto do curso; em seguida vem o percentual de 22,5% que escolheu Ciências Sociais para melhorar a atividade que já exerce. Neste item aparece implícita, em algumas respostas, a insatisfação com o curso escolhido, pois 10% responderam afirmativamente que entraram em Ciências Sociais porque não foi possível o ingresso em outro curso, e outros 10% citaram como motivo a baixa concorrência no vestibular. Outros 18% têm a intenção de obter através do curso de Ciências Sociais uma melhor preparação para outro curso. Para os alunos de Ciências Sociais a escolha profissional não visa o mercado de trabalho, visto que apenas 2% indicam este motivo.

Podemos observar que os cursos de graduação em Ciências Sociais também não visam o mercado de trabalho: são orientados academicamente mesmo sabendo que apenas uma percentagem mínima dos graduandos optarão pela pós-graduação. Em Brasília este curso deveria, por exemplo, ter alguma ênfase em políticas públicas, planejamento, acompanhamento e avaliação de projetos, entre outras vertentes profissionalizantes.

No caso da USP, segundo a pesquisa desenvolvida por Schwartzman, existe uma diferença profunda entre as estratégias educacionais de homens e mulheres, sendo que estas estratégias estão influenciadas pelo nível educacional e profissional dos pais. Filhos homens, quando possível, estudam engenharia; filhas de pais ou mães com nível de escolaridade relativamente alta, estudam Ciências Sociais.

O que motiva as pessoas a escolherem seu curso? A pesquisa distingue dois fatores. O primeiro fator relaciona-se ao emprego e o segundo, com a 2a. opção e a falta de oportunidades. Estes fatores permitem caracterizar as diferenças entre as áreas. A Engenharia Elétrica é, sobretudo, um curso profissional que também funciona como 1a. opção e escolha profissional e vocacional de seus alunos. As Ciências Sociais e, em menor grau, a Física, são cursos de baixa profissionalização, e é aí que surgem mais fortemente, ainda que não de forma absoluta, como 2ª opção.

O exame das respostas à pergunta sobre a escolha da USP, revela que ao lado das motivações mais genéricas e abstratas, existem duas bastante concretas, relacionadas com a gratuidade do curso e a existência do turno noturno, e outras relativas ao prestígio acadêmico da universidade.

Desde o início está presente a possibilidade de que o curso de Ciências Sociais não seja concluído. É possível caracterizar esta estratégia como uma "estratégia frouxa", em contraste com estratégias mais firmes e focalizadas, em cursos onde o custo do ingresso é mais alto (seja em termos monetários, seja em termos de um exame vestibular mais competitivo), e os objetivos são muito mais definidos como no caso das engenharias, na USP, e das Ciências da Computação, na UFMG, como mostram as pesquisas realizadas. Uma confirmação desta estratégia é que a escolha de matérias se dá a partir do "gosto" do estudante, sem nenhum condicionamento de ordem profissional. A segunda é que a maioria dos estudantes pretende concluir o curso em um tempo superior ao normal.

A Evasão Escolar no Terceiro Grau

O ingresso na universidade é o sonho da maioria de todos os estudantes do país e um privilégio de poucos. Uma prova disto é a grande concorrência às poucas vagas oferecidas pelas universidades públicas e/ou mesmo pelas faculdades particulares (apesar do alto valor das mensalidades). Mesmo com a grande concorrência por uma vaga, pesquisas mostram que em média 40 a 43% dos estudantes abandonam seu curso universitário antes da conclusão.

Para se ter uma idéia, na UNICAMP, apesar da queda de 2% na taxa de evasão na pós-graduação, nos dois últimos anos, esta chega a

40%; na USP a baixa na taxa de evasão foi de 5% e, no entanto, ela ainda se mantém nos 43%; e na UNESP cerca de 50% dos estudantes de pós-graduação não concluem o curso.³¹

E nos cursos de graduação da UnB, aproximadamente 50% do total de alunos que ingressam a cada semestre (quase 1500 alunos) abandonam o curso antes do seu término. Estima-se que 13% são desligados por não cumprirem o mínimo de créditos exigidos, 25% não efetuam matrícula em disciplina por mais de dois semestres e 12% pedem voluntariamente para serem desligados.³² Os fatores que levam a esta evasão são diversos, dentre eles podemos citar: o ingresso no mercado de trabalho, problemas pessoais, a desmotivação e a falta de orientação durante a vida acadêmica. O maior índice de evasão está entre os estudantes beneficiados por transferência, facultativa ou obrigatória, que sentem a diferença entre os currículos universitários, e os alunos cortesia (diplomatas a serviço de embaixadas ou seus dependentes) que enfrentam a barreira da língua.

Independente da universidade, estas taxas são muito altas, principalmente se comparadas à de uma universidade de primeiro mundo, como a de Harvard que, cobra uma anuidade de US\$ 22 mil e exibe a cifra de menos de 5% dos alunos que não terminam os cursos. Isto mostra que temos ainda uma longa caminhada para equipararmos a esta universidade.

No rol dos cursos que apresentam o maior número de evasões na UnB, o curso de Ciências Sociais encontra-se em 7º lugar (segundo dados obtidos pelo **Campus**, que consideram o período a partir do segundo semestre de 1988 até o primeiro de 1992), precedido por cursos como Letras, Pedagogia e Química - 1º, 2º e 3º lugares, respectivamente.

Antônio Luiz Paixão, professor/pesquisador do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG, fez um estudo comparativo sobre a taxa de evasão dos cursos de Ciências Sociais e de Ciência da Computação na UFMG, entre os anos 1984/87. Segundo ele, no período de 1984 a 1986 "o curso de Ciências Sociais graduou, em média, pouco mais da metade (51,85%) dos estudantes aprovados no exame vestibular, enquanto o curso de Ciências da Computação graduava média superior (111,75%) ao número de ingressantes. Igualmente contrastante é a média de desistências dos dois cursos: 52,0 em Ciências Sociais e 9,7 em Ciências da Computação". A Tabela a seguir, segundo o professor Paixão, "evidencia (...) a ineficiência de nossa área" (em comparação com o curso citado):

TABELA 16
APROVAÇÕES NO EXAME VESTIBULAR, GRADUADOS E DESIS-
TÊNCIAS: CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA COMPUTAÇÃO
UFMG 1984-1987

ANO	No. de estudantes aprovados no exame vestibular		No. de graduados		No. de desistências	
	CIÊNCIAS SOCIAIS	CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO	CS. SOC.	CS. COMP.	CS. SOC.	CS. COMP.
1984	65	40	29	48	48	06
1985	65	40	26	56	47	12
1986	65	40	43	46	69	12
1987	65	40	29	37	44	09
MÉDIA	65	40	33,7	44,7	52,0	9,7

FONTE: Morais, 1989:6, citado em Paixão, 1991:197

Numa estatística divulgada pela UnB sobre a proporção de alunos ativos, formados e evadidos sobre o total de alunos, verifica-se que a taxa de evasão é bem superior à dos formados, o que reforça a visão do fracasso das Ciências Sociais de treinar profissionais na área.

TABELA 17
MATRÍCULA, CONCLUSÃO E EVASÃO NO CURSO DE CIÊN-
CIAIS SOCIAIS POR OPÇÃO
(PERÍODO: 1º SEMESTRE DE 1988 AO 2º SEMESTRE DE 1992.

	SOCIOLOGIA		ANTROPOLOGIA		Licenciatura em Ciências Sociais	
	No. Absol.	%	No. Absol.	%	No. Absol.	%
Alunos Ativos	116	65,17	92	70,23	33	63,46
Formados	11	6,18	07	5,34	05	09,62
Evasão *	51	28,65	32	24,43	14	26,92
Total de alunos	178	100	131	100	52	100

Fonte: UnB, Decanato de Ensino de Graduação (DEG), informe interno, 1993.

* evasão compreende: desligamento por falta de documentação; transferência; desligamento voluntário; desligamento por abandono; desligamento por não cumprimento de condição; mudança de curso; mudança de habilitação.

Os dados da Tabela 17, onde o curso de Ciências Sociais encontra-se desdobrado em suas diversas áreas³³, mostra que a evasão na Sociologia foi maior do que na licenciatura em Ciências Sociais e em Antropologia. Estas taxas oscilam bastante, de acordo com o prestígio das disciplinas num determinado momento. Bonelli (1992:12) mostra que nos Estados Unidos "... as Ciências Sociais apresentam dois tipos de queda constante: um na passagem de um grau para outro na titulação, e outra no decorrer dos anos". Na UnB, as Ciências Sociais formaram uma média de 40 alunos por ano, de 1980 a 1989, caindo para 29 em 1990 e para 13 em 1991. De qualquer modo, as taxas de conclusão estão, sempre, bem abaixo dos 100 por cento esperados e desejáveis, em termos de investimento de recursos públicos num determinado setor.

Conclusão

Nestas observações sobre a Sociologia na UnB procuramos situar, historicamente, a criação desta universidade e das Ciências Sociais, as vicissitudes da consolidação de ambas, através, principalmente, da análise do corpo docente, da pós-graduação e de um breve retrato da graduação.

Foi salientada a importância da organização departamental que, em conjunto com a exigência da qualificação dos docentes com grau de doutorado, contribuiu, na UnB, para a fuga do modelo de "dualismo estrutural" que isola a pós-graduação e a pesquisa do resto da universidade, que caracteriza a maioria das instituições brasileiras de ensino superior.³⁴

O ambiente menos diversificado, academicamente, do DF, pelo fato de não existirem, ainda, institutos privados de pesquisa, ou outras universidades públicas e estaduais, por exemplo, pode explicar, em parte, uma dedicação exclusiva e uma rotina de trabalho na universidade³⁵, assim como uma identidade profissional-acadêmica mais forte, com fortes vínculos com a comunidade científica nacional e internacional, e que levaria a um isolamento maior de audiências externas, principalmente do poder político e dos problemas regionais. Portanto, as demandas conflitivas ocorrem no interior do Departamento/Universidade e são reduzidas quanto ao ambiente externo.

Veiga (1991:182) ao tratar das "conexões postuladas entre o ensino e a pesquisa, a graduação e a pós-graduação", e talvez por serem apenas postuladas e não efetivadas, acabam gerando tensões e que:

O resultado dessas tensões é a ampliação das clivagens internas, provocando novas estratificações (doutores/não-doutores; grupos consolidados/grupos emergentes; pesquisadores/não-pesquisadores; ensino graduado/ ensino pós-graduado) até agora não adequadamente enfrentadas.

Pelo fato do Departamento de Sociologia-UnB possuir apenas doutores, que lecionam nos quatro níveis (básico, graduação, mestrado e doutorado), com pouco conflito nesta divisão, conseguiu-se eliminar dois dos pares acima e focalizar as clivagens na hierarquia entre linhas de pesquisa consolidadas e emergentes, e entre pesquisadores / não-pesquisadores, somada de gestores/não-gestores, mesmo que estes cargos não sejam disputados, e de antigos/novos professores, disfarçando e centralizando, assim, o conflito para critérios não puramente acadêmicos.

Quanto à pós-graduação podemos observar que a criação de novos doutorados no país pode reduzir o recrutamento de candidatos de outros estados, mas observa-se um aumento da demanda local. Manter um programa de pós-graduação atualizado e prestigiado nacionalmente já representa um alto custo mas, talvez, a ênfase destes programas passe a recair para a qualidade das publicações de docentes e pós-graduados, e para a publicação no exterior.

O curso de graduação representa um desafio maior, pois aqui os imperativos do mercado e da hierarquia de prestígio das ocupações parece agir de uma forma mais contundente. Outros elementos importantes são a qualidade do ensino de segundo grau e o estabelecimento de uma sociedade meritocrática, que estimulem os alunos a estudarem e aprenderem para preencherem cargos por mérito, e não mais por critérios que operam na sociedade brasileira atual, como de parentesco, amizade ou por afiliação a um determinado partido político. Já é possível perceber algumas mudanças nesta direção, através da generalização de concursos públicos, e numa elevação pequena, mas constante, das taxas de aprovados no vestibular da UnB provenientes de escolas públicas, o que revela uma melhoria deste ensino.

Em pesquisa mais recente, comparando dados de alunos em 1991, e dos que ingressaram em 1992 e no primeiro semestre de 1993, Maria das Graças Ruas observa "uma abertura gradual de oportunidades para os estudantes de famílias com renda baixa, sem fazer concessão à qualidade de ensino." A taxa dos alunos que entraram na UnB e concluíram o segundo grau na rede privada de ensino decaiu de 67,5%, em 1991, para 61% em 1992, e para 59% este ano. Observa-se a mesma

tendência com relação à conclusão do primeiro grau na rede privada, com os índices baixando, nos mesmos anos, de 58,5% para 56% e atingindo 54% em 1993. Outro dado interessante é que 49% dos aprovados no vestibular em 1993 não cursaram o pré-vestibular. Apesar da série comparar apenas três anos, os dados já apontam tendências que podem ser entendidas à luz da crise econômica e dos aumentos, dificilmente controláveis pelo governo e pelas associações de pais, das mensalidades das escolas privadas, e de um maior controle e cooperação dos pais em relação à escola pública.

Outros resultados mencionados anteriormente são confirmados pela análise mais recente de Ruas, tais como, a Sociologia e a Antropologia não estão entre os cursos com o maior número de alunos insatisfeitos³⁶, e a Sociologia está entre os que a maioria dos alunos trabalha³⁷. Um dos atrativos do curso de graduação em Sociologia, principalmente neste contexto de recrutamento de estudantes que trabalham, são as bolsas do PET e de Iniciação Científica para trabalhos de pesquisa em equipes, que usualmente englobam professores e alunos de pós e de graduação (esperamos que estes alunos não estejam incluídos entre os que trabalham). As bolsas, a dedicação exclusiva ao curso, o treinamento em pesquisa e a convivência mais estreita com professores e alunos da pós elevam o nível de ensino da graduação e, embrionariamente, reproduzem um modelo mais hierarquizado, ou de laboratório, onde há um professor e alunos em diferentes estágios de formação trabalhando juntos em pesquisa. Há uma socialização maior do conhecimento entre os diferentes estratos da hierarquia e o reforço do modelo integrado e unificado de diversas atividades em um mesmo departamento.

Neste levantamento, ainda preliminar, procuramos mostrar algumas especificidades das Ciências Sociais na UnB, com o objetivo de continuar um debate que vem ocorrendo de uma forma um tanto dispersa, mas continuada, e com a intenção de levantar questões para novas pesquisas, que produzam a sistematização e comparação dos resultados.

Bibliografia

ARRUDA, Maria Arminda do N., "A Modernidade Possível: Cientistas e Ciências Sociais em Minas Gerais" in Sérgio Miceli (org.) His-

tória das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: IDESP/Vértice/FINEP, 1991.

Antropologia em Brasília, Informativo - 20 anos de pós-graduação. Brasília : Ed. Itra da UnB, 1992.

BONELLI, Maria da Glória. "Mercado de Trabalho e Identidade Profissional dos Cientistas Sociais: Os Sociólogos nos Estados Unidos". XVI Encontro Anual da ANPOCS, GT Educação e Sociedade. Caxambu, 1992.

CARDOSO, Irene R., A Universidade da Comunhão Paulista- Projeto de Criação da Universidade de São Paulo. São Paulo: Cortez Editora, 1982.

MICELI, Sérgio (org.), História das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: IDESP/Vértice/FINEP, 1991.

FERNANDES, Ana M. *et all*, "História da história das Ciências Sociais no Brasil". Relatório de Pesquisa, *mimeo*, 1991.

FIGUEIREDO, Vilma, A Sociologia no Brasil: Alguns pontos para reflexão. In: Série Sociológica no. 62, maio, 1987.

LARAIA, Roque de Barros, A História das Ciências Sociais na UnB. Seminário , UnB, Brasília, *mimeo*, 1992.

LIMONGI, Fernando. "Mentores e Clientelas da Universidade de São Paulo" in Sérgio Miceli (org.), *op. cit.*

LIPPI, Lúcia, "As Ciências Sociais no Rio de Janeiro". Relatório de Pesquisa, Versão preliminar. *mimeo*, 1991.

MARTINS, Ricardo C. de Rezende. A pós-graduação no Brasil: Uma análise do período 1970-90.

PAIXÃO, Antônio L., "Notas sobre o Ensino de Ciências Sociais na Universidade Federal de Minas Gerais Ontem e Hoje" in Helena Bomeny & Patrícia Birman (org.) . As Assim Chamadas Ciências Sociais: formação do cientista social no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ/Relume Dumará, 1991.

RIBEIRO, Darcy e outros, Universidade de Brasília, Brasília, MEC, 1962.

VEIGA, Laura da, "Ciências Sociais: Dilemas, Vocações e Contexto de Trabalho" in Helena Bomeny & Patrícia Birman (org.) . As Assim Chamadas Ciências Sociais: formação do cientista social no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ/Relume Dumará, 1991.

RUAS, Maria das Graças, Perfil do Aluno de graduação da UnB,, 1991, *mimeo*. 1992. "História das Ciências Sociais". Seminário. Brasília, UnB, *mimeo*, 1991.

SCHMIDT, Benício V., "História das Ciências Sociais". Seminário. Brasília, UnB, maio, *mimeo*, 1992.

SCHWARTZMAN, Simon, "A trajetória acadêmica e profissional dos alunos da USP", NUPES-USP, 1991.

TODOROV, Maria Sílvia R., "Origem Sócio-econômica: Experiência Urbana e Sucesso no Vestibular". Tese de Mestrado, Departamento de Ciências Sociais, UnB, *mimeo*, 1997.

VELHO, Otávio Guilherme, "Processos Sociais no Brasil pós - 64: As Ciências Sociais". In: Sociedade e Política no Brasil pós - 64. S.P., Brasiliense, 1983.

WOORTMANN, Klass, "Crônica (Informativa, levemente crítica e um tanto, Apologética) de um Programa de Pós-graduação: a Antropologia na UnB". Série Antropológica, n. 142, 1993.

Documentos

Atas das Reuniões do Setor de Sociologia dos dias: 15/05/63, 29/05/63, 04/05/65 e 25/05/65.

Atas das Reuniões do ICCH dos dias: 28/02/64, 12/08/64, 04/09/64, 20/11/64, 30/11/64, 09/12/64 e 16/12/64.

Ata da reunião do Departamento de Sociologia e Antropologia do dia: 28/08/67.

Relatórios de Atividades do Departamento de Sociologia e Antropologia de 1967 a 1968.

Relatórios de Atividades da UnB de 1969 a 1985.

Entrevista concedida pela Prof. Vânia Gelape Bampirra, em 28/08/92.

Entrevista concedida pelo Prof. Élbio Neris Gonzalez, em 06/08/92.

Entrevista concedida pelo Prof. Hamilton Mendonça, em 03/08/92.

MEC/SAG/CPS/CIP (SEEC): Dados

Notas

¹ Ver Fernandes, A. M. e alli. "A História da História das Ciências Sociais no Brasil", Relatório de Pesquisa, *mimeo*, 1991.

² Através da pesquisa coordenada por Sérgio Miceli no IDESP-SP e publicada como Miceli, S. (org.) **História das Ciências Sociais no**

Brasil. vol. 1. São Paulo: IDESP/ Vértice/FINEP, 1989.

³ Esta é também uma polêmica interessante: Cardoso (1982) salientou o papel da elite paulista na criação da USP e, posteriormente, Limongi (1989) procura diluir esta importância recuperando a participação do escola-novismo.

⁴ A réplica já foi escrita por Lúcia Lippi "As Ciências Sociais no Rio de Janeiro", Relatório de pesquisa, versão preliminar, *mimeo*, 1991.

⁵ Ver Arruda, M. A. do N. "A Modernidade Possível: Cientistas e Ciências Sociais em Minas Gerais" in Sérgio Miceli (org.) *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, 1989, p.311.

⁶ Quando o artigo já estava concluído tomamos conhecimento do trabalho do antropólogo Klass Woortmann "Crônica (Informativa, levemente crítica e um tanto, Apologética) de um Programa de Pós-graduação: A Antropologia na UnB."- *Série Antropológica* No. 142, 1993., que apresenta uma análise interessante e detalhada, e com muitos fatos em comum com o nosso trabalho.

⁷ Apenas estudos mais recentes criticam esta tendência geral. Ver mais sobre esta discussão em Fernandes, A. M. et alli "A História da História das Ciências Sociais no Brasil", Relatório de Pesquisa, *mimeo*, 1991.

⁸ Foi também anexado a este Departamento o curso de Serviço Social, com a transferência dos alunos de uma faculdade particular no qual ele funcionava, quando esta foi extinta em 1971.

⁹ Ver interessante declaração de Maria das Graças Ruas quando da sua chegada à UnB e sua decepção com esta separação: "Quando compareci para prestar o concurso de ingresso nos quadros da UnB, casualmente, encontrei aqui um antigo colega de outra instituição, ao qual indaguei como seria o campo de trabalho para os cientistas políticos em Brasília. Recebi, como resposta, o seguinte: É como a Amazônia para os antropólogos. Aqui desfrutamos de uma enorme facilidade de acesso a uma grande porção dos nossos objetos de estudo. (...) Aos poucos comecei a perceber os motivos pelos quais a Ciência Política passou a se vincular, institucionalmente, não às Ciências Humanas, mas sim aos Estudos Sociais Aplicados. À medida que o meu conhecimento avançava, eu passei a especular se estes mesmos motivos e processos poderiam estar, também, associados a uma série de dificuldades que se impunham ao desenvolvimento da Ciência Política na UnB." Ruas, 1992:1.

¹⁰ A Fundação de Apoio à Pesquisa do DF (FAPDF) foi criada no dia 4 de novembro de 1993.

¹¹ Ou o que resta deste ciclo com disciplinas introdutórias oferecidas para diversos cursos.

¹² Seminário realizado durante a Semana Universitária da UnB, nos dias 07, 08 e 09/05/92, sobre a História das Ciências Sociais na UnB, cujos debatedores foram os professores Roque de B. Laraia, do Departamento de Antropologia, Benício V. Schmidt, Geralda Dias Aparecida e Ana Maria Fernandes (mediadora), do Departamento de Sociologia. Sobre a periodização para a UnB ver "UnB 30 anos", *Humanidades*, vol. 8, N° 4, 1992.

¹³ O professor Roque Laraia delimitou este período de 62 a 65. No entanto, nós preferimos delimitá-lo de 62 a 64, tendo em vista que é a partir de março de 64 que começa a intervenção militar na UnB.

¹⁴ Entrevista concedida pela professora Vânia Bambilra em 28/8/92, à professora Ana Maria Fernandes e ao bolsista de aperfeiçoamento Sales Augusto dos Santos.

¹⁵ SEMINÁRIO. *História das Ciências Sociais na UnB*. Brasília/UnB, Maio/1992.

¹⁶ Os dados a partir de 1986 estão nas tabelas 3 e 4, desmembrados por departamentos.

¹⁷ SEMINÁRIO. *História das Ciências Sociais na UnB*. Brasília/UnB, Maio/1992.

¹⁸ *Idem*

¹⁹ Todos os professores da Sociologia são doutores e apenas um professor da Antropologia não é.

²⁰ Declaração dada na entrevista concedida pelo professor Elbio Gonzales em 06/08/92, à professora Ana Maria Fernandes e ao bolsista de aperfeiçoamento Sales Augusto dos Santos.

²¹ Uma parte destes professores foi demitida ou se demitiu na ocasião da implantação do programa de mestrado, portanto, mais por motivos acadêmicos do que políticos, mas estão pedindo e recebendo a reintegração por motivos políticos, e no nível de professor Adjunto 4, ou como titulares.

²² Conceito de Edmundo C. Coelho para explicar o isolamento da pós-graduação e da pesquisa do resto da universidade, e que Schwartzman também observa "hoje, a maioria dos cientistas sociais mais conhecidos ensina em universidades, mas prefere desenvolver suas pesquisas em institutos privados, e dificilmente entra em contato com os alunos dos cursos de graduação." (citado em Paixão, *op. cit.*:202)

²³ Conforme a definição de Paixão (1991:200), inspirado em Blau. No SOL, nacionalmente, poderíamos citar os mesmos fatos, e, internacionalmente, este cosmopolitismo se reforça através de um forte intercâmbio científico com outros países, através de seminários, cursos e publicações, via pós-doutorados, e também através de acordos como o CAPES-COFECUB, com a França, que se dá numa relação de acordo entre pares.

²⁴ Ver Figueiredo, 1987:5

²⁵ Ver Laraia, 1992 e Schmidt, 1992.

²⁶ Esta endogenia (*imbreeding*) foi controlada ou altamente desestimulada no período de 1969 a 1984, com um argumento acadêmico e que poderia ter também um fundo político. A contratação de ex-alunos, ou ex-pós graduandos, pode consolidar mais o departamento e a universidade, no sentido de baixar a taxa de rotatividade de professores, que já foi muito elevada, e torna-se também um fato dado a baixa circulação de pós-graduandos pelas diversas instituições brasileiras.

²⁷ Foram as dissertações defendidas por: Regina Lúcia de Moraes Morel, "Considerações sobre a Política Científica no Brasil" (12/12/75); Fernanda Sobral Benjamim, "Educação e Mudança Social: Uma Tentativa de Crítica" (15/03/76); Safira Bezerra Ammann, "Participação Social: O Distrito Federal - Um Estudo de Caso" (30/09/76) e Ronaldo Conde Aguiar: "Abrindo o Pacote Tecnológico: Estado e Pesquisa Agropecuária no Brasil"; (02/12/83). E a tese defendida por Dirce Mendes da Fonseca, "Análise do Pensamento Privatista em Educação" (28/06/91).

²⁸ Foram as dissertações defendidas por: Carlos Rodrigues Brandão, "Peões, Pretos e Congos. Trabalho e Identidade Étnica em Goiás" (28/09/74); Rafael de Menezes Bastos, "A Musicológica KAMA YURÁ. Para uma Antropologia da comunicação no Alto Xingu" (16/10/76); Ana Maria Quiroga Fausto Neto, "Família Operária e Reprodução da Força de Trabalho" (18/03/77); Raymundo Heraldo Maués, "A Ilha Encantada. Medicina e Xamanismo Numa Comunidade de Pescadores" (20/05/77) e Priscila Faulhaber, "O Navio Encantado. Etnia e Aliança em Tefé" (01/12/83). E a tese defendida por Stephen Baines, "É a FUNAI que Sabe: A Frente de atração WAIMIRI - ATROARI" (30/03/88). Recentemente, a tese da professora Ellen F. Woortmann, defendida no dia 28/11/88: "Colonos e Sitiantes: um estudo comparativo do parentesco e da reprodução social camponesa" foi aceita para publi-

cação.

²⁹ No Distrito Federal os estabelecimentos particulares de ensino não oferecem cursos de Ciências Sociais *stricto sensu*.

³⁰ O curso de Ciências Sociais só é oferecido no período diurno. Os cursos noturnos na UnB são recentes e muito poucos, apenas três, Administração, Arquivologia e Biblioteconomia. Houve uma expansão deste cursos em 1993, mas somente na opção Licenciatura.

³¹ Jornal - **Folha de S. Paulo**, 5 de agosto de 1992

³² Jornal *Campus*, 2a. quinzena de outubro de 1992.

³³ Os dados originais incluem a categoria bacharelado em ciências sociais, que está em extinção, e engloba os alunos que não optaram por uma das três opções constantes na tabela.

³⁴ A qualificação do corpo docente onde o grau mínimo é o doutorado talvez tenha um peso forte na geração de um modelo não dual, pois este parece ser também o caso da Sociologia na USP.

³⁵ "Então eu sinto que como grupo, Brasília apresenta uma potencialidade inigualável, tomando o panorama do Brasil. Quando eu cheguei na UNICAMP me assustei com o estilo, é um estilo em que você vai, dá aula e volta. Isso contrariava toda a minha concepção de Universidade. No Museu Nacional e aqui eu sempre entendia o tempo integral e a dedicação exclusiva como a pessoa se sentar no seu departamento e ficar lá. O dia inteiro presente. A presença para mim sempre foi uma função básica para dar qualidade ao trabalho. A UNICAMP me desmentiu um pouco, porque mesmo não tendo essa presença, se dava bons cursos, e se formava bons alunos. Essa concepção de dedicação exclusiva é algo que eu só vejo na Universidade de Brasília. Não vejo no Museu Nacional hoje, não vejo na UNICAMP e não vejo na USP, onde eu sou professor visitante. É uma presença que permite ao professor produzir os seus trabalhos na própria Universidade. E isso para mim é importante, coisa que eu sempre fiz na minha vida. O que eu escrevi, escrevi sentado no Museu Nacional, e em Brasília, como todos nós." Entrevista de Roberto Cardoso de Oliveira em Woortmann (1993 : 10).

³⁶ São eles: Enfermagem, Estatística, Química e Ciência Política. In "UnB tenta democratizar o acesso". *Jornal de Brasília*, 15/11/1993.

³⁷ Juntamente com os cursos de Administração (noturno), Arquivologia, Biblioteconomia, Educação Artística, Música, Pedagogia, Artes Cênicas, Sociologia, Geografia, Serviço Social, História, Letras, Matemática, Contabilidade e Ciência Política. *Idem*. A lista parece in-

clair toda a área de humanidades, e dá a impressão de ser interminável.

Resumé

Cet article analyse la Sociologie à l'Université de Brasília au moment de la création de l'Université et des études en Sciences Sociales, en examinant surtout la carrière des professeurs, les cours au niveau du 3^{ème} cycle et doctorat, en même temps qu'il ébauche un profil du cours de maîtrise. On réitère l'idée que l'UnB, avec son organisation en départements et son exigence du titre de docteur pour le recrutement de ses professeurs, règle toujours en vigueur au Département de Sociologie, a échappé au modèle du "dualisme structurel" dominant dans d'autres institutions et qui consiste à séparer la recherche, le 3^{ème} cycle et le doctorat des autres activités de l'université. L'article permet aussi un débat et stimule la réflexion sur les futures recherches pour qu'il soit possible de comparer de résultats avec d'autres institutions.

Abstract

This article analyses the development of sociological studies at UnB since the creation of the university and the commencement of social science studies. It is concerned principally with the profile of the academic staff and range of the graduate studies, and is complemented with a portrait of undergraduate courses. Highlighted is the fact that UnB's department organizational structure, in conjunction with the university and Sociology Department's requirement of D.Phil. degrees for academic staff has shaped a new model which is different from the typical Brazilian university's "dual structure" approach where research and graduate studies are isolated from university's other activities. The article's objective is to stimulate the debate and articulate issues for discussion on the history of social science which will help focus on comparative analysis and on models for teaching and researching on sociological studies in Brazil.